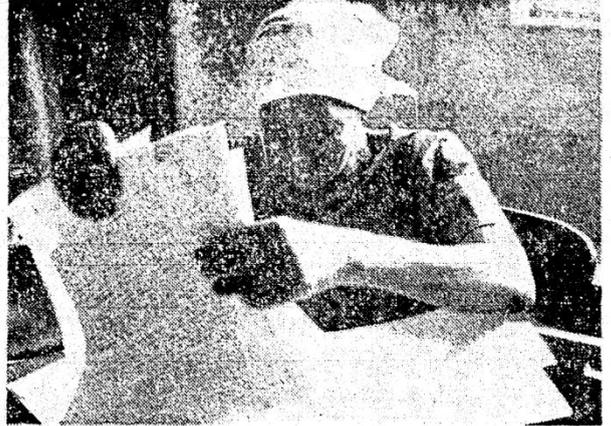


Ela afirma que não tem saudades do seu passado famoso

## Carolina Maria de Jesus prepara um novo livro

SÃO PAULO (O GLOBO) — No pequeno sítio que comprou em Parelheiros, seu único patrimônio, com o êxito de "Quarto de Despejo", Carolina Maria de Jesus distribui ração para as criações — como fazia há 50 anos atrás, obedecendo às ordens do avô — e prepara um novo livro, "Um Brasil para os Brasileiros".



Carolina cuida das criações: de manhã, das galinhas e dos porcos, e, à tarde, de mais um livro

— "São coisas de meu tempo de menina, lá em Sacramento. Mas esse vai ser um livro humorístico, que quase nada tem de dramático. Fatos pitorescos que eu vivi, lembranças de meu avô — ele punha ordem na casa — de sua morte, a família se dissolvendo."

Carolina prefere falar de seu livro — mais uma tentativa para reconquistar a fama e o dinheiro que não soube aproveitar — do que do passado que, ela acha, poderia ter sido mais brilhante. Por isso falar sobre quanto ganhou em direitos autorais a incomoda. Parece que ela sabe, de maneira ainda confusa, que foi enganada. Mas, reconhecer isso publicamente, é um golpe forte demais na sua vaidade:

— "Não sei não. Ainda hoje recebo alguma coisa da França, onde o "Quarto" foi sucesso. Acho que ganhei, na época, uns 40 mil cruzeiros."

### Salto no escuro

Da Favela do Canindé, de onde tirou os dramas que levou para o seu primeiro livro, ela foi morar em Osasco, num barraco. Dali, o salto foi grande: comprou uma bela casa e se transferiu para Santana.

— "Mas o dinheiro rareou, as despesas eram muitas. Sorte que eu tinha comprado esse pedaço de chão aqui em Parelheiros. Se não fosse isso, não sei o que teria acontecido comigo."

No seu "pedaço de chão", Carolina cria porcos e galinhas, mas faz questão de deixar claro que não depende disso para viver:

"Eu não vendo nenhuma criação, dou de presente para os amigos. Um ou outro porco a gente escolhe para o Natal".

Vera, sua filha mais nova, no entanto, mais consciente da nova realidade da família — ela é obrigada a andar vários quilômetros para pegar um ônibus e estudar em Santo Amaro — desmente a mãe: a criação é vendida sempre que aparecem pessoas interessadas em comprar. João, o outro filho, também sabe que é assim. Ele sustenta a casa.

De seu novo livro, por enquanto, Carolina só tem o título e algumas páginas mal datilografadas pelo pároco de Parelheiros, frei Luis.

— "Ele é italiano e muitas das coisas que eu escrevi não deu para entender. Vou ver se encontro um jornalista amigo que me faça esse trabalho."

Suas lembranças de infância — ela acredita — servirão de exemplo para a gente pobre, com ela foi e voltou a ser.

— "Tem um capítulo em que conto as visitas que fazia à minha tia. Ela só tinha uma panela e punha as mãos na cabeça, sabendo que teria de acordar às três da manhã, para cozinhar o feijão, despejá-lo numa vasilha e colocar cotove para refogar."

### Sem saudades

Orgulhosa, Carolina jura que não tem saudades dos tempos em que o dinheiro era fácil, da convivência com gente de alta sociedade, das manchetes nos jornais e revistas, das entrevistas na televisão.

— "Estou bem aqui. Cuido das galinhas, dos porcos e, todo sábado e domingo, abro o bar que fica na beira da estrada, que é meu. O pessoal já sabe: chega, toma seus aperitivos e ninguém pergunta nada sobre meus livros ou meu passado. É isso que eu quero."

É possível que seja. Mas a insistência com que nega as "saudades do passado" e com que tenta voltar ao mundo literário parece desmentir-lá. E ela volta ao assunto:

— "Minha neta nasceu há uma semana, o nome ainda não escolhi. Agora, além de escrever, cuidar do sítio, da criação e do bar, tenho outra função: a de avó."